



O CHAFARIZ MONUMENTAL DA MATA DA SERRETA

PAULO J. M. BARCELOS*

* ASSOCIAÇÃO
OS MONTANHEIROS

FOTOS A CORES
DE PAULO HENRIQUE SILVA

ATRAI O OLHAR de quantos se passeiam pelo parque florestal da Mata da Serreta, em local próximo da estrada, um bonito chafariz de que pouco se sabe, que foi denominado no passado como Chafariz Monumental da Mata da Serreta. Destaca-se pela sua dimensão, singularidade e uma certa formosura quando comparado com os demais existentes na ilha, que na sua esmagadora maioria não possuem qualquer traço artístico significativo.

Todo construído e esculpido em pedra vulcânica local, sem qualquer reboco,¹ apresenta elementos decorativos pouco comuns, criados provavelmente pela mão de um determinado mestre canteiro hoje desconhecido, mas com uma habilidade nas mãos de verdadeiro *escultor*. O espaldar retangular tem seis metros de largura por sensivelmente cinco e meio de altura. É com-

posto por um pano de fundo com cunhais nas laterais e um ligeiro soco em baixo. Termina com um tanque adossado para receção das águas, baixo, com capacidade para mais de 9500 litros e que acompanha praticamente toda a largura do espaldar. Em cima encontramos uma cornija que também percorre todo o espaldar e, sobre esta, três pináculos, dois nas laterais e um mais alto ao meio ladeado por duas estruturas em “S”. Não apresenta qualquer cartela ou inscrição.

No eixo central vemos uma curiosa escultura, uma figura humana cuja boca foi transformada na bica do chafariz, com as mãos sobre a cabeça, suportando cada mão um dos pés de uma ave de dimensão proporcionalmente muito maior. Faria mais sentido se a ave representada fosse um pombo, que já existiam nas ilhas aquando da sua descoberta e cujos primeiros povoadores estariam habituados a ver, noutras paragens, a beber água pousados nas bicas, uma vez que são das poucas aves capazes de o fazer através de sucção. Mas a opinião da larga maioria dos observadores é que esta ave parece assemelhar-se mais a um pato. Não é claro se existe ou não uma simbólica por detrás desta combinação do

1 Apenas depois de ser remontado na Mata da Serreta ter-lhe-á sido aplicada uma fina camada de reboco nas parte de trás do espaldar.

2 MALDONADO, Manuel (1997) – Fenix Angrence, vol. III, pp. 165-166.

3 MALDONADO, Manuel, op. cit., p. 301.

humano com a ave e com o conjunto de elementos curvilíneos que complementam a escultura e que nos leva a imaginar plantas e folhas, como que criando um habitat de floresta onde estes seres estão envolvidos.

Pelo menos dois tipos diferente de pedra foram usados neste chafariz. Praticamente todo ele é construído em cantaria de traquito, mas os blocos centrais onde estão os elementos escultóricos são de basalto. Há evidências ainda do que parece ser um tipo de pedra diferente quando se observam os braços da figura humana, naquilo que parece ser a substituição de elementos provavelmente danificados.

Apercebemo-nos logo que este chafariz não possui as habituais funções de recepção e armazenamento de águas, seja pelo facto de não possuir no enfiamento da bica as típicas barras de ferro paralelas, onde tradicionalmente se colocava o vasilhame para recolher a água, nem tampouco a grande dimensão deste tanque permitiria aproximarmo-nos da bica o suficiente para tal.



Portanto, a sua função era claramente a de ornamentar um determinado espaço.

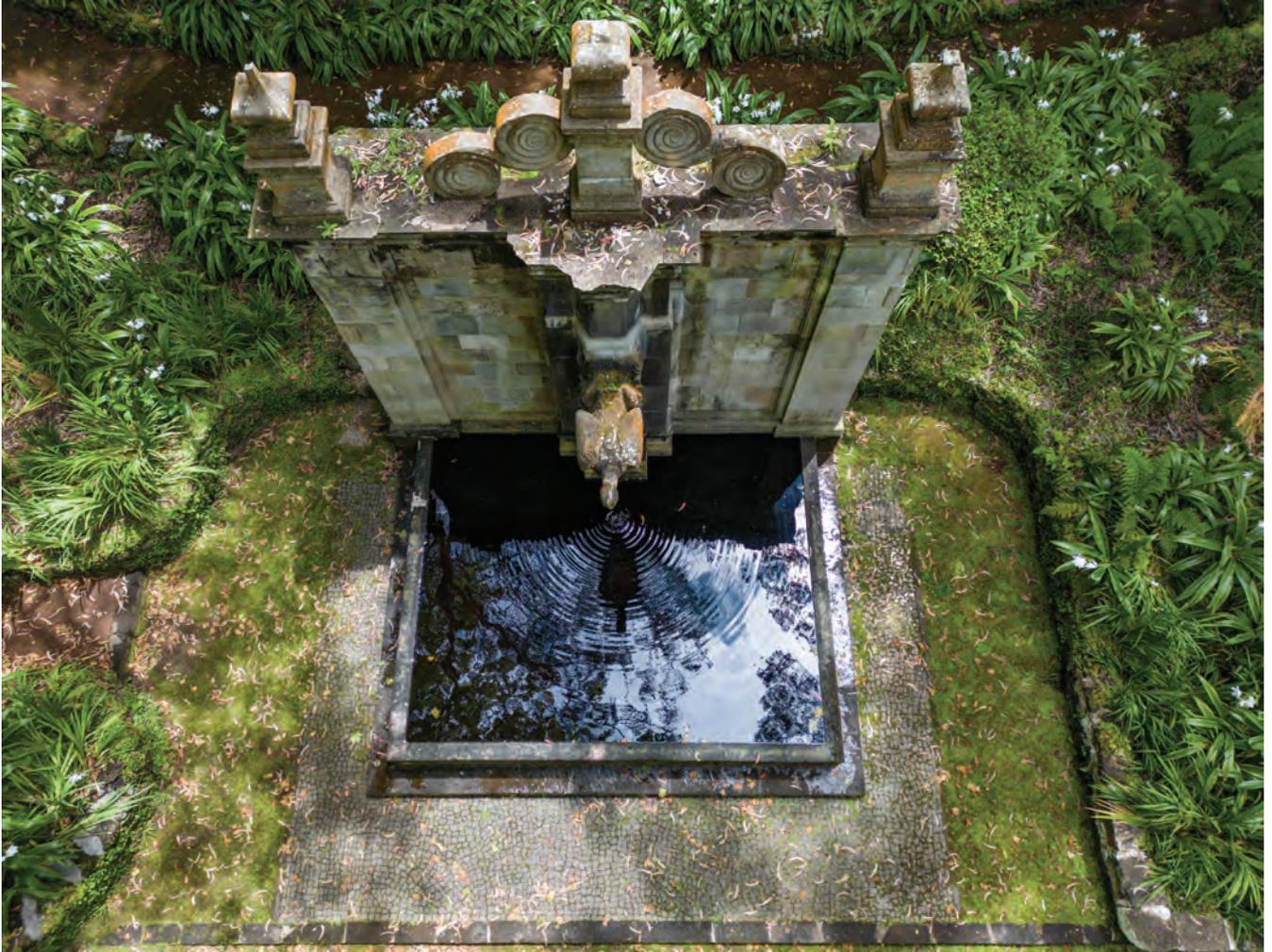
Embora não se saiba ao certo a data nem o local onde foi edificado pela primeira vez, este chafariz tem sido referido como sendo de meados do século XVII e como tendo estado instalado no Convento da Graça, um edifício que surge em Angra na primeira metade desse século. Não encontrei suporte bibliográfico para esta referência, mas essa possibilidade não é de todo descabida. Como era hábito nos conventos, os religiosos grácianos teriam provavelmente uma *fonte* de água para uso próprio num espaço reservado como o claustro ou a cerca. Afinal, Maldonado refere que o Convento da Graça possuía uma espaçosa cerca, com um muro a toda a volta que confrontava com a rua, povoada de árvores, e “com a circunstância de ser banhada com as águas de que se provém a maior parte dos chafarizes de Angra de que os religiosos são senhores em razão de passar o Cano pelos muros da dita sua cerca [...]”² O cano que aqui se refere é o “[...] Cano que se diz real [...] cuja obra foi rematada em Vereação de dez de Outubro de 1605 [...]”³. Nas primeiras décadas de 1600 o Cano Real começou a abastecer um conjunto alargado de chafarizes na cidade. Por volta de 1650, altura referida para a construção deste chafariz, Angra era já servida de vários encanamentos de água e respetivas bicas. Havendo sequência de datas entre a chegada da água ao Alto das Covas e a posterior construção do Convento da Graça, não



seria de todo absurda a ideia de que este chafariz tivesse sido construído para este convento.⁴ O Convento da Graça há muito desapareceu estando o local hoje ocupado pela Escola Infante D. Henrique. Veio a possuir, adossada a uma das paredes exterior virada ao Alto das Covas, um outro chafariz construído apenas em 1846, numa altura em que já não existiam ordens religiosas a ocupar este edifício, e que depois foi transferido para o muro do local que hoje é sede do Instituto Açoriano de Cultura.

Mais difícil é perceber quando teria sido desmontado do Convento da Graça e reedificado na antiga quinta do morgado Joaquim de Almeida Tavares do Canto, junto ao Império da freguesia do Posto Santo, facto este devidamente comprovado. Como Joaquim do Canto foi um perseguido chefe miguelista que acumulou dívidas e cujo filho Francisco de Almeida Tavares do Canto acabou por fugir da ilha acusado de ter assassinado o pai,⁵ é de se supor que este chafariz existisse já neste prédio antes de 1830.

Para além da possibilidade deste chafariz ter vindo do Convento da Graça, mantém-se como hipótese, embora menos provável, um segundo cenário em que teria sido edificado primitivamente na quinta do Posto Santo e aí permanecido durante cerca de 3 séculos. Sabendo que a po-



derosa nascente da Fonte da Telha foi descoberta em 1575 ou 1576 a menos de 1000 m para montante desta quinta, e que o seu encanamento já chegara à cidade em 1605, não teria sido difícil abastecer com água dessa nascente este chafariz. Difícil é perceber como é que uma estrutura ornamental como esta teve como destino inicial uma quinta do século XVII tão afastada de Angra.

Por volta de 1852 a quinta terá sido adquirida pelo Comendador Joaquim António Mendonça e Meneses que apesar de ter deixado grande descendência não sabemos se terá conservado a quinta na família até aos anos de 1940, altura em que voltamos a ouvir falar deste chafariz.

Foi por esses anos adquirido e desmontado, sendo mais tarde reerguido no parque florestal da Mata da Serreta pela Junta Geral, por ocasião das comemorações dos 25 anos do Golpe de Estado de 28 de maio de 1926. Foi (re)inaugurado no dia 27 de maio de 1951, ocasião em que foi reportado como tendo esta “velha relíquia do passado” permanecido na quinta de Joaquim de Almeida “cerca de 300 anos [...] e se conseguiu salvar da ruína a que estava votado.”⁶ Encontrava-se “desprezado e já com desgastes do abandono que o ameaçavam de ruína e perda total” pois “o atual possuidor nada o estimava, conten-



4 Aliás, com o tempo, este prédio acabou possuindo não um mas vários chafarizes em simultâneo. Um relato de 1867, numa altura em que era residência de Alexandre Martins Pamplona Côrte-Real, referia que o claustro era cercado de varandas, cobertas e apoiadas em grandes arcadas de cantaria e com uma notável e “vastíssima horta” adjacente, rica de água “correndo em vários chafarizes”. MERELIM, Pedro de – Notas sobre os conventos da ilha Terceira, vol. I, p. 224.

5 MERELIM, Pedro de, op. cit., pp. 631, 762-763.

6 Anuário da Junta geral do Distrito Autónomo de Angra do Heroísmo, da Conta de Gerência de 1951, p. 56.



do trabalho de lavrança de cantarias e armação arquitetónica que a perder-se seria de lamentar.” Por decisão de 12 de abril de 1946, a Junta Geral resolveu adquiri-lo desmontado, aguardando por uma decisão quanto ao seu futuro, “que quanto mais se retardava mais ameaçava a sua completa ruína, como depois se verificou na sua reconstrução, perdendo-se algumas das suas cantarias e até alguns dos seus labores.” Por deliberação de 24 de maio foi resolvido reconstruir “esta bela peça de trabalho dos antigos pedreiros da ilha e fixou-se a Mata da Serreta, lugar aprazível de certa afluência turística para ali se fazer a sua implantação.” Despendeu-se nesse trabalho as seguintes quantias: 71.551\$10 (em 1950) e 18.500\$00 (em 1951).⁷

A Junta Geral, aquando da (re)inauguração deste chafariz fez questão de salientar a qualidade artística das cantarias que compoñham esta majestosa peça, um exemplo de como os pedreiros no passado eram hábeis a lavar a pedra. Tanta questão fez nesse facto que convidou para assistir à inauguração uma delegação de mestres pedreiros de todas as freguesias da ilha, “lembrando-lhes o dever do ensino que lhes compete como mestres de obras, para que se não perca a boa tradição dos trabalhos de urbanização em cantaria.” Assim se percebe que na inauguração deste Chafariz Monumental, a Junta Geral tenha despendido um valor de 1.904\$40 na recepção aos convidados e de 3.350\$00 no transporte dos mesmos.⁸



7 Anuário da Junta geral do Distrito Autónomo de Angra do Heroísmo, da Conta de Gerência de 1950, pp. 72-73.

8 Anuário da Junta geral do Distrito Autónomo de Angra do Heroísmo, op. cit., p. 32.



Aqui permaneceu até aos nossos dias e enquanto correu o tempo acumularam-se cicatrizes. Algumas terá trazido consigo do Posto Santo, a que se somaram outras causadas pela queda de uma árvore e pelo sismo de 1 de janeiro de 1980. Visíveis são também os restauros feitos com pouca qualidade e cuidado, por exemplo na união da cabeça do “pato” ao resto do corpo, ou noutros locais a falta de restauro. Quando se compara a “coluna” central com o que mostram as fotos mais antigas parece que foram introduzidos blocos ou capas de basalto, para preencher partes em falta ou substituir o traquito degradado.

Como nota final deixo aqui uma questão: Haverá alguma relação entre este chafariz e aquele que é conhecido com o “Preto”, que está no Jardim de Angra? Poderão ambos terem sido construídos pelo mesmo mestre canteiro?

Ambos os chafarizes são estruturas ornamentais provavelmente construídos em datas relativamente próximas e ambos para instalação em conventos masculinos; há algumas similitudes entre ambas as estruturas, nomeadamente na presença de contrafortes espiralados em “S” de tamanho e forma semelhante (como se vê nas imagens); e ambas incluem elementos escultóricos de requinte artístico aparentemente com uma simbólica associada. Possuem figuras humanas que jorram água pela boca e aparentemente retratando povos não europeus com quem os portugueses interagem. No jardim de Angra, o “Preto” poderá ser efetivamente, tal como a figura do chafariz da Serreta parece ser, uma invocação ao indígena brasileiro.

Afinal, estas deverão ser duas das esculturas cinzeladas mais antigas colocadas ao ar livre na ilha Terceira, numa época em que a estatuária era praticamente apenas de cariz religioso.